

FLORES DE ENERGIA: O FAZER ACONTECER DA PESQUISA NA INVESTIGAÇÃO DOS INTELECTUAIS ORGÂNICOS DO NEMA – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO E MONITORAMENTO AMBIENTAL

CARLA VALERIA LEONINI CRIVELLARO*

DANILO GIROLDO**

RESUMO: Este artigo tem o intuito de apresentar o processo de investigação dos intelectuais orgânicos do NEMA. O estudo faz parte da tese intitulada *FLORES DE ENERGIA: A experiência do NEMA - Núcleo de Educação e Monitoramento Ambiental na constituição de intelectuais orgânicos*. A pesquisa busca identificar a constituição dos intelectuais orgânicos por meio de relatos das pessoas que formaram e formam o NEMA, bem como da trajetória que o Núcleo vem desenhando no cenário ambiental. O conceito de intelectuais orgânicos partiu de Antonio Gramsci (1882 – 1937), que desponta como um dos grandes teóricos da teoria social marxista. A pesquisa com base qualitativa estabeleceu os referenciais teóricos, a pesquisa em documentos e outras formas de informação e a apropriação da Análise Textual Discursiva – ATD para organizar o *corpus* por meio dos relatos de 30 pessoas que tiveram a experiência do NEMA. Os resultados possibilitam afirmar que os intelectuais orgânicos do NEMA se constituem em *Ondas*, isto é, passam de uma reflexão sobre si mesmo – *Quem eu sou?*, estabelece uma relação de pertencimento com o lugar que atuam – *O lugar onde vivemos*, lidam com uma diversidade de pessoas, instituições e situações – *Biodiversidade*, estabelecem diálogos e se fazem representar em espaços de discussão – *Biosfera e Ecologia* e buscam a continuidade de suas ações por meio de novos projetos – *Planejamento Ambiental*. O

* Universidade Federal do Rio Grande – FURG – Dr^a em Educação em Ciências – Universidade Federal do Rio Grande – FURG - carlavcrivellaro@gmail.com

** Universidade Federal do Rio Grande – FURG – Dr. em Ecologia e Recursos Naturais – Universidade Federal de São Carlos -dmbgirol@furg.br

estudo vislumbra que a experiência do NEMA contribua na vanguarda da construção dialógica do saber com os movimentos sociais para que estes saberes possam ser implementados na práxis destes movimentos, na relação natureza e sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Intelectual Orgânico. Educação Ambiental. Organizações Não Governamentais.

ABSTRACT: This article aims to present the process of investigating the organic intellectuals of NEMA. The study is part of a thesis entitled FLOWERS OF ENERGY: The experience of NEMA - Center for Environmental Education and Monitoring - in the formation of organic intellectuals. The research seeks to identify the constitution of the organic intellectuals through the accounts of people who were and are part of NEMA and the trajectory that the Center has been designing in the environmental scenario. The concept of organic intellectuals came from Antonio Gramsci (1882 - 1937), who emerged as one of the great theorists of Marxist social theory. The qualitative research established the basic theoretical frameworks, the search of documents and other forms of information and the ownership of Discourse Textual Analysis - ATD to organize the corpus based on the reports of 30 people who have the NEMA experience. These results enable us to state that NEMA's organic intellectuals form waves, which is nothing more than a reflection on yourself - Who I am, establish a relationship of belonging to the working place - The place where we live, deal with a diversity people, institutions and situations - Biodiversity, establish dialogues and represent themselves in discussion forums - Biosphere and Ecology and seek the continuity of their actions through new projects - Environmental Planning. The study envisions that the experience of NEMA contribute at the forefront of the dialogic construction of knowledge with social movements in order to implement this knowledge in these movements practice, in the relationship between nature and society.

KEYWORDS: Organic Intellectual. Environmental Education. Non-Governmental Organizations.

As flores de energia...

A intenção dessa escrita é compartilhar o caminho metodológico realizado na tese *Flores de energia: A experiência*

do NEMA - Núcleo de Educação e Monitoramento Ambiental na constituição de intelectuais orgânicos, assim como contar um pouco da história do NEMA e de seus integrantes.

A partir deste cenário e sob o enfoque ambientalista¹ inicio com inspiração, a trajetória para apresentar as o NEMA e seus intelectuais orgânicos.

A escolha da temática deve-se a trajetória que o Núcleo vem consolidando no cenário ambiental, há 30 anos, com ações de conservação e Educação Ambiental. E como isso vem afetando o modo de perceber e compreender o meio ambiente pela sociedade.

Pela trajetória do NEMA e pelos resultados alcançados com amplo impacto social e ambiental defendo que espaços experienciais, que realizam projetos ambientais e sociais e que apostam na intuição, na autonomia e na criatividade são potenciais para a formação de intelectuais orgânicos.

O fluxo dessa constituição passa pelo conhecimento, descobertas e revelações, resistência e embates, por meio de uma prática orgânica que reconhece o ser humano como um ser integral.

A abordagem qualitativa permeou toda a elaboração do trabalho. Permitiu compreender o contexto de surgimento do NEMA, bem como o impacto das experiências no espaço do NEMA e sobre a vida fora dele.

Com base na Análise Textual Discursiva – ATD, o *corpus* da pesquisa foi elaborado a partir de 30 relatos das pessoas que formaram o NEMA até os dias atuais, respondendo a pergunta O que o NEMA significa ou significou na sua vida? Disso, emergiram três categorias que são discutidas nos metatextos.

Espaços com cor

Os espaços de formação se constituíam desde a Antiguidade como espaços para a troca de saberes. Para Sócrates eram os

1 O que é ser ambientalista? Refiro-me às pessoas que por convicção ou profissão estão ligadas à preservação do meio ambiente e engajadas a buscar melhores condições de vida e de existência no planeta. Uma atitude de vida, uma filosofia pessoal, que busca ações conjuntas, engajamento político e bases sustentáveis para a mudança.

espaços públicos da antiga Grécia como as ruas, os mercados, as praças e os templos. No período Clássico, após fracassar em suas tentativas de implementar o seu ideal do filósofo rei, Platão, fascinado por um agradável bosque dedicado ao herói *Academus*, construiu nele um templo que mais tarde passou a ser chamado de *Academia*, onde foram criados alguns dos mais belos diálogos da Antiguidade.

Em Atenas (334 a.C), Aristóteles abre uma escola, o Liceu, nome derivado de um templo que ficava próximo aos edifícios da escola dedicados ao deus Apolo da Lícia. No Liceu foram preservados os escritos esotéricos do filósofo que consiste em uma parte de sua obra destinada somente a esse círculo.

Observa-se que o problema da classificação do saber, deu muito que pensar aos homens: “desde Platão e Aristóteles, Tomás, a Bacon e Comenius, a Hegel e Cournot, e também a Engels e a quantos tiveram de abordar o problema prático das disciplinas escolásticas ou das faculdades da universidade” (MANACORDA, 1997, p. 127). Manacorda (1997) observa a dinâmica das disciplinas – conjuntos como produto da evolução dos conhecimentos humanos e das tentativas de melhor sistematiza-los. Com o surgimento das primeiras universidades na Europa medieval, a cultura do conhecimento, do conhecimento objetivo, do conhecimento científico foi formalizada.

O mundo mudou, sonhou, girou, pensou, agiu. Outros espaços potenciais de formação das pessoas aconteceram. Espaços com cor, numa era interglacial. A cultura do conhecimento científico formalizado nem sempre dá conta de nossos desejos, sonhos e perspectiva profissional e uma possibilidade de ter uma experiência revolucionária, com uma visão integral da vida, viver num paradigma utópico mas concretizável mediante uma ação, uma práxis no mundo.

Uma geração teve audácia e determinação para deflagrar um movimento que poderia dar outro sentido às suas vidas e a do Planeta. Essa assistiu ao novo ambientalismo surgir nas décadas de 1960, 1970, com objetivos e demandas bem definidos e consciente da dimensão política dos mesmos. Nem todos foram embriagados por essa paixão.

A chamada para as consequências devastadoras que um desenvolvimento sem limites estava provocando foi percebida por pessoas com um ideário diferente das manifestações ideológicas do capitalismo selvagem e da vida, simplesmente.

Rompendo as muralhas da cidadela econômica, o ecologismo, e aqui também no sentido filosófico e engajado com a preservação, passa a questionar a racionalidade econômica em termos de seus próprios critérios.

A “Primavera Silenciosa”² precisava ser barulhenta, forte e sensível como o cantar dos pássaros ao amanhecer. Os Estados, a sociedade civil e os indivíduos, cada um no seu espaço precisava fazer e ser a “mola” que resiste a este processo.

Os anos de 1960 encontraram um Brasil mais sofisticado e mais complexo. Surgiam novas necessidades e novos desafios, quase num moto-contínuo em que progresso e diversificação geravam mais diversidade e desenvolvimento.

Nessa ebulição nascem no Brasil os grupos organizados de intelectuais, artistas e poetas, que com o pólen da contracultura americana desejava mudanças na esfera dos direitos civis, liberdades individuais, pacifismo e estilo de vida; ou seja, na esfera da micropolítica, ou “política do cotidiano”.

Esse gérmen foi assimilado e no espaço acadêmico, jovens puderam fazer alguma diferença, seja no âmbito da militância política, seja nas novas perspectivas de um futuro profissional que pudesse transformar o que estava corrompendo essa geração: a ditadura militar.

No extremo sul da Planície Arenosa Sul Rio-grandense, onde o “mar lambe saborosamente a areia”, está a cidade do Rio Grande. Área de Segurança Nacional, a cidade surtou com sua condição industrial-portuária e geopolítica de defesa do litoral brasileiro. Desempenhou ao longo da década de 1970, sob a égide do slogan ufanista Brasil: ame-o ou deixe-o, um papel relevante para os planos desenvolvimentistas do regime militar, além de ser o berço do General Golbery do Couto e Silva, iminência parda e mentor do regime militar.

2 Refere-se ao *Best-seller* escrito por Rachel Carson, em 1962.

Nesse “samsara”³ foi criada a Fundação Universidade do Rio Grande, a FURG. Em 1970, com o primeiro curso de Oceanologia do Brasil, a FURG abre espaço para acolher pessoas de todo o país e do exterior, trazendo uma diversidade de ser e de pensar. Para alguns o pensar científico da academia foi o suporte para uma nova ciência. Uma ciência com conexão com a realidade.

Assim, a conservação ambiental tomada por alguns desses estudantes garante a constituição de espaços governamentais para a proteção de espécies ameaçadas como as tartarugas marinhas e o peixe-boi-marinho.

Eram intelectuais que tiveram a academia como fonte de conhecimento. Desconstruíram a forma aceita de fazer ciência e foram para fora fazer a conexão desse conhecimento com a sociedade, diante da necessidade de agir no mundo real.

Os anos já eram de 1985, o Brasil recém-liberto de uma ditadura militar ainda não concebia a liberdade de expressão e a autonomia de buscar um ideário diferente da representação ideológica de um regime autoritário. O Antropofagismo havia deglutido a cultura americanizada, só sobrou Carmen Miranda. Janis Joplin não cantava mais *Sumertime*, Hendrix estava além do *The Experience*, mas Bob Marley insistia no *This is Love*. A tropicália, o movimento *beat*, a liberação feminina e a “paz e o amor” já haviam sido experimentados pelos exilados jovens políticos, músicos e pensadores. Neste contexto, os movimentos sociais e ambientais se organizam e buscam um resgate da cidadania e da consciência crítica nacional. Outra forma de pensar e agir estavam se desenvolvendo.

A praia arenosa, marismas, dunas, lagoas e banhados, o mosaico de ecossistemas começava a dar respostas aos maus tratos

3 O Samsara (sânscrito-devanagari: संसारः, perambulação) pode ser descrito como o fluxo incessante de renascimentos através dos mundos. É visto como a ignorância do verdadeiro eu, Brahman, e sua alma levada a crer na realidade do mundo temporal e fenomenal. Algumas tradições identificam o Samsara (ou sa sâra, lit. “seu caminho”) como uma simples metáfora.

humanos. Animais marinhos mortos por óleo ou emaranhados em redes de pesca, as dunas costeiras sendo removidas por caminhões à luz do dia, as crianças, a comunidade do Cassino, não sabia nada sobre o lugar onde vivia. Tudo por fazer.

Foi nesse cenário, que a história do Núcleo de Educação e Monitoramento Ambiental – NEMA⁴ teve início. Foi quando um grupo de estudantes de Oceanologia preocupados com a situação ambiental mobilizou-se junto ao Departamento de Oceanografia da FURG e a Prefeitura do Rio Grande – Autarquia do Balneário Cassino – ABC, num ato de intuição e criatividade. Iniciaram as ações de Educação Ambiental - EA e realizar projetos de monitoramento costeiro, implantação de unidades de conservação, pesquisa e elaboração de metodologias para recuperação de áreas degradadas.

Na atmosfera do barraco de madeira, sua sede à beira mar na praia do Cassino - Rio Grande, RS, as pessoas e as ideias conduziram o NEMA a assumir personalidade jurídica no ano de 1987 - Associação privada sem fins lucrativos – solução para autonomia e continuidade de seus desafios. No mesmo ano tornou-se instituição de utilidade pública municipal e em 2005 obteve a qualificação de OSCIP - Organização da Sociedade Civil de Interesse Público, outorgado pelo Ministério da Justiça e de âmbito nacional.

Sua declaração de princípios definiu seu rumo filosófico, técnico e jurídico e estabeleceu como prioridades: a harmonização da relação ser humano-ambiente; a melhoria da qualidade de vida; o despertar de uma consciência conservacionista na comunidade; a orientação do desenvolvimento no sentido de

4 Durante sua trajetória o NEMA tem elaborado e publicado, por meio da Editora NEMA, materiais educativos que tem contribuído para divulgar as belezas, riquezas e fragilidades da costa brasileira. Neles é possível conhecer os resultados das ações em Educação Ambiental, recuperação de áreas degradadas e conservação da fauna. Entre os principais estão: Ondas que te quero mar: educação ambiental para as comunidades costeiras, Taim, banhado de vida! Dunas Costeiras: manejo e conservação, Descubra a Lagoa Verde, Resgatando Valores, Lixo o que nós temos a ver com isso, Cartilha do Pescador, Boletim do Plano Nacional de Conservação de Albatrozes, Agroecologia: um caminho amigável de conservação da natureza e valorização da vida. Além destes, teses, dissertações e monografias realizadas no âmbito dos Projetos do NEMA podem ser acessados em www.nema-rs.org.br ou na sua sede na Rua Maria Araújo, 450, Praia do Cassino, Rio Grande, RS. nema@nema-rs.org.br.

minimizar os conflitos; a conscientização dos valores e limitações do ser humano, sua cultura e a defesa do patrimônio histórico e a pesquisa para preservar o ambiente como um todo, seja em relação a água, solo, ar e paisagens, incluindo os aspectos sociais, econômicos e culturais.

Ao longo de sua trajetória de 30 anos de atuação na zona costeira, centenas de pessoas das diferentes áreas do conhecimento, vivenciaram o dia-a-dia do NEMA, com criatividade e livre pensar, fortalecendo a missão institucional e fundamentando os conceitos do fazer. Experiência, intuição, leitura e pesquisa levaram a instituição a internalizar e adotar conceitos como alicerces essenciais para a sua práxis.

Eu fui uma dessas pessoas que compartilha há 25 anos este espaço com cor, livre de paredes, autônomo de ser e pensar. Ali me constituí pesquisadora, educadora. Com o NEMA aprendi a trabalhar em equipe e buscar com autonomia de ideias ações/ soluções para as questões ambientais – locais, regionais e nacionais. Ele foi o grande mestre para o meu fazer Educação Ambiental.

Os orgânicos...qual a percepção das pessoas que formam o NEMA e por ele são formados sobre sua própria formação nesse espaço?

Na pesquisa busquei compreender o significado do NEMA na captação e (trans)formação de pessoas sob o conceito gramsciano de intelectuais orgânicos. O desdobramento deste objetivo permitiu também compreender o contexto de surgimento do NEMA e a relevância/sustentabilidade da filosofia de implantação, bem como o impacto das experiências no espaço do NEMA sobre a vida fora dele.

Nesse contexto, trago a compreensão gramsciana de intelectual focando o significado de orgânico. Falar das diferentes funções deles na sociedade hoje, mais especificamente no cenário do NEMA.

O conceito de intelectuais orgânicos partiu de Antonio Gramsci (1882 – 1937), que desponta como um dos grandes pensadores da teoria social marxista. Os intelectuais constituem

um grupo social autônomo e independente, ou cada grupo social possui sua própria categoria especializada de intelectuais? (GRAMSCI, 1982, p.3).

O intelectual é mais do que uma pessoa das letras, ou um produtor e transmissor de ideias. Os intelectuais são também mediadores, legitimadores e produtores de ideias e práticas sociais; eles cumprem uma função de natureza eminentemente política. (GIROUX, 1997, p.186).

Segundo Simionatto (1995), há no referencial gramsciano, duas categorias de intelectuais: os intelectuais tradicionais e os intelectuais orgânicos. Os orgânicos são os que estão vinculados organicamente a uma classe social, participando efetivamente de um projeto junto às classes fundamentais na sociedade. Os radicais, que vão à raiz, fornecem as habilidades pedagógicas e políticas que são necessárias para criar-se consciência política na classe trabalhadora, e para desenvolver liderança e envolver-se na luta coletiva.

Sobre o papel dos intelectuais na sociedade Gramsci considera que “todos são intelectuais (...). Porque não existe atividade humana da qual se possa excluir alguma intervenção intelectual” (Gramsci, 1999, p. 1.516). Todo o homem é um intelectual, já que todos têm faculdades intelectuais e racionais, mas nem todos têm a função social de intelectuais. Ele propôs a ideia de que os intelectuais modernos não se contentariam mais de apenas produzir discursos, mas estariam engajados na organização das práticas sociais. Nisso reside a possibilidade de perceber em cada homem e em cada mulher, sua ação no mundo, a mão na massa, com potencialidade de libertar-se sem aprisionar nada nem ninguém.

O NEMA surgiu nesse movimento de resistir ao conhecimento e práticas sufocantes que constituem nossas práticas sociais. Intelectuais transformadores que aglutinam outros, a fim de romper com a opressão, fornecendo dessa forma a liderança da ética, da política e da pedagogia para a criticidade da realidade.

A pesquisa encontrou os sujeitos que formam e formaram o

NEMA. Cada um com seu conhecimento prévio, idades variadas, vivendo em épocas diferentes, em contextos sociais e históricos.

O fazer acontecer a pesquisa

Lendo Marques, (2006) compartilho sua reflexão “Nesta nossa civilização das conquistas consolidadas é atrevimento jogar-se na aventura do efêmero. Mas é desafiante esse radical começar pelo começo, e sempre de novo”.

Assim, descrevo o fazer acontecer desta pesquisa. Como descrever tantas experiências, percepções, significados e aprendizados num espaço potencial de formação de intelectuais orgânicos?

A abordagem qualitativa foi a base para a realização do trabalho. Ao conceber o processo de pesquisa como um mosaico que descreve um fenômeno em sua totalidade a ser compreendido, permite-me entender que as peças individuais representam um espectro de métodos e técnicas, que precisam estar abertas a novas ideias, perguntas e informações (TRIVIÑOS, 2001).

A pesquisa qualitativa permite interação, considera a subjetividade dos sujeitos levando a compreensão de resultados individualizados e da dinâmica interna de programas e atividades além de possibilitar a compreensão de **múltiplos aspectos da realidade**.

Conforme Minayo (2001), as técnicas de análise qualitativa utilizadas na investigação de uma determinada pesquisa possuem um limite na percepção e compreensão dos resultados. Diante disso, alia-se a escolha dessas técnicas à criatividade e experiência profissional do pesquisador.

O trabalho apoiou-se em uma revisão bibliográfica que trata das questões delineadas nos objetivos. Os documentos foram fundamentais para o resgate e a reflexão do tema da investigação. Foram pesquisadas atas, registros, relatos, matérias jornalísticas, documentários, materiais impressos que possibilitam contar a trajetória do NEMA no tempo e no espaço, aliado à minha memória, pois são 25 anos de intenso envolvimento.

Não era adivinhação, precisava do método para produzir

novas compreensões sobre os fenômenos e discursos. Esse é o pressuposto da Análise Textual Discursiva – ATD, proposta por Moraes e Galiazzi (2007), a qual foi o método escolhido para analisar os discursos dos intelectuais orgânicos do NEMA, constituindo assim, o *corpus* da pesquisa.

A ATD consiste de uma forma inteligente e surpreendente de análise, uma vez que o caos do processo emite sinais de novas compreensões do que se quer estudar. Produzir e expressar sentidos clareia a perspectiva teórica que se quer adotar, mesmo que ainda não haja consistência teórica, pois permite também a construção de teorias a partir do material analisado.

É importante traçar relações entre o estudo realizado e questões sociais significantes, buscando e construindo teorias, de forma que o estudo tenha um significado na sociedade e que possa contribuir efetivamente para discussão, entendimento e busca de caminhos para as questões sociais relevantes. GALIAZZI e MELLO (2005, p. 16).

O perfume da pesquisa são os intelectuais orgânicos formados no espaço do NEMA. Para tal, foram enviadas 40 mensagens de e-mail aos integrantes e ex-integrantes, com a seguinte pergunta: o que o NEMA significa ou significou na sua vida? Das 40 mensagens enviadas obtive 30 respostas.

Esprei por respostas de algumas pessoas em especial. Mas a verdade é que todas as respostas foram especiais. As pessoas que se manifestaram representam bem três momentos, o ciclo de três décadas bem marcadas no NEMA: pessoas dos anos de 1980, 1990 e dos 2000.

As pessoas sentiram-se muito honradas em serem questionadas sobre o significado que o NEMA tem em suas vidas, valorizadas por entrarem nessa história e na validação desse trabalho.

Para Moraes e Galiazzi (2007, p. 11)

Pesquisas qualitativas têm se utilizado cada vez mais de análises textuais. Seja partindo de textos já existentes, seja produzindo o material de análise a partir de entrevistas e observações, a pesquisa qualitativa pretende aprofundar a compreensão dos fenômenos que

investiga a partir de uma análise rigorosa e criteriosa desse tipo de informação.

Nesta pesquisa minha proximidade com os participantes é total, uma vez que além de estar estabelecida uma confiança mútua, conheço o lugar do qual eles falam, além de ter me constituído nele. Segundo Galiazzi e Mello (2005, p. 02) neste tipo de pesquisa, “o objeto de estudo é a experiência, estudada de forma narrativa, porque o pensamento narrativo é uma forma fundamental de experiência e também de escrever e refletir sobre ela”. É como escrever um roteiro de uma peça de teatro, precisa inspiração, personagens, cenário, argumento e o fundamental: fazer parte dessa história. Escrever sobre a experiência é imergir na narrativa elaborada, como um holograma (Wilber, 1991) em que qualquer pedaço da narrativa pode reconstituir a narrativa inteira. Eu faço parte de todos e todos fazem parte de mim.

Conheço as pessoas, apenas poucas não haviam compartilhado num mesmo tempo o NEMA. Pessoas que fundaram, passaram, persistiram ou que tem os referenciais filosóficos do NEMA na sua prática. A maioria das pessoas são “estrangeiros”, vindos de outros estados brasileiros em busca da “novidade que veio dar na praia”.

A estratégia da coleta de dados foi por meio de uma pergunta aberta. A técnica de tratamento dos dados prima pelo significado dos conteúdos analisados. A preocupação central da pesquisa está em compreender estes significados em virtude de tratar cada indivíduo como um universo, começo a delinear as etapas para constatação de minha hipótese.

Imaginei uma espiral ascendente como todos os elementos que iria identificar nestas falas e como um holograma⁵ faria a

5 O físico David Bohm (1971) afirma que o holograma é um ponto de partida para uma nova descrição da realidade: a ordem implicada (1991). A realidade convencional física (clássica) focaliza manifestações secundárias explicadas das coisas e não a sua essência ou fonte. Implicar é explicar, implícito. A implicação faz parte, igualmente, da teoria da auto-organização e da ontologia que a põe como premissa. O paradigma holográfico e outros paradoxos (Wilber, 1991) mostra que a organização do Universo, bem como a natureza da mente humana, pode ter sua realidade primária (implicada) como um domínio de frequências um holograma, portanto em que qualquer pedaço pode reconstituir a imagem inteira.

sobreposição dessas falas produzindo narrativas, causadas por esses relatos. Já tinha um pré-julgamento de todas. Então li todos os 30 relatos sem identificação. Aquele era um momento muito especial da pesquisa. Era dali que viria a essência para chegar ao objetivo, isto é compreender de que maneira o NEMA forma intelectuais orgânicos. À medida que ia lendo, começava a sair do papel, como flashes de luz, as primeiras manifestações do significado do NEMA para elas, dando também a dimensão de tudo que estava prestes a analisar. Assim, despertei para a análise desses fatos. Desmontar e desconstruir esses textos. Dei início ao meu processo.

A ATD pode ser compreendida como um processo auto-organizado de construção de compreensão em que novos entendimentos emergem a partir de uma sequência recursiva de três componentes: a desconstrução dos textos do “corpus”, a unitarização; o estabelecimento de relações entre os elementos unitários, a categorização; o captar o emergente em que a nova compreensão é comunicada e validada Moraes e Galiazzi (2007, p.45).

É inevitável escrever várias versões, a qual poderá sempre ser modificada para melhor. Para Galiazzi e Mello (2005, p. 03) “o que nós escrevemos na pesquisa narrativa é sempre uma tentativa, um trabalho em desenvolvimento, sempre aberto a revisões e modificações”.

A impregnação nos materiais nos faz pensar muito e permite um movimento recorrente sempre que necessário. Apesar de consistir de um método trabalhoso e complexo foi fundamental a realização do exercício para a impressionante descoberta das categorias emergentes. À medida que adentrava no *corpus* da pesquisa, os relatos, e realizava as etapas propostas – unitarização (fragmentação), subcategorização e categorização, desestabilizavam os pressupostos que havia criado antes de dar início ao processo.

Cheguei uma e saí outra. O cérebro assume outra forma de funcionamento em que a intuição é instigada e o inconsciente é acessado com doses homeopáticas de revelação. Para Moraes (2007), toda leitura de um texto é uma interpretação e que não

há possibilidade de uma leitura objetiva e neutra. Assim, assumir a autoria dos textos é também assumir meu papel como sujeito histórico à medida que vou intervindo nos relatos investigados.

O exercício metodológico se deu entre troços e gaguejos. Fiz o caminho em duas etapas. A primeira onde realizei todo o processo proposto pelo método. Inicialmente, desconstruí 15 dos 30 relatos, gerando as unidades de significado. Cada unidade recebeu um título, os quais foram agrupados por semelhança temática, constituindo 15 subcategorias. Agrupei-as e entre muitas idas e vindas, num processo de constante recursividade resultando em três categorias emergentes: Território – Laboratório Vivo, Significados do NEMA e Organicidade.

A primeira opção escolhida para a comunicação de parte dos resultados da pesquisa foi a elaboração de narrativas, uma vez que esta permite produzir, mediar e interpretar sentidos na constituição dos sujeitos em uma comunidade (CUPELLI, 2009). Para Hart (2005, p. 20), “a narrativa é tanto uma via para nosso próprio conhecimento como um caminho para organizar e comunicar as experiências de outros”.

Conforme Cupelli (2009), as narrativas suscitam sempre novos sentidos resultantes da combinação entre textos. Dessa forma, os textos são constantemente interrogados, produzindo ações. É como se a produção de uma narrativa estimulasse a produção de outra e esta de outra e assim por diante. O texto final surge a partir de movimentos recursivos de categorização e de expressão das novas compreensões, sempre em interlocução com teóricos e com a realidade empírica, visando argumentos válidos e aceitos em comunidades de especialistas nos temas tratados (MORAES, 2007).

Assim, busquei construir conhecimentos por meio dos relatos das pessoas NEMA e, como expõe Hart (2005, p. 45), “(...) extrair significado da experiência mais do que descrever a experiência como foi vivida”, trazendo as experiências à consciência e utilizá-las como parte do processo desta pesquisa.

Já tinha as três categorias emergentes. Parti então para a desconstrução dos outros 15 relatos. Reuni toda análise em tabelas do Excel organizando as 603 unidades de significado e as

20 subcategorias representadas nas três categorias emergentes já identificadas anteriormente.

CATEGORIAS	TERRITÓRIO Laboratório Vivo	SIGNIFICADOS DO NEMA	ORGANICIDADE
Subcategorias	Animais, praia, lugar Parcerias institucionais Barraco Projetos Academia Determinação Rupturas	Significados Educação Ambiental Arte e Ciência Amigos, pessoas, Diálogos Filosofia Transformação	Aprendizado Referência Formação de gerações, Caminhos profissionais Coletivo Experiência

Quadro I_ Subcategorias e categorias emergentes do processo de ATD
Elaborado pela autora

Agora meu *corpus* estava (des)organizado, pronto para próxima fase. Os relatos foram suficientes para compor o denso *corpus* da pesquisa. À medida que fui avançando na análise dos relatos, desconstruí e reconstruí a base teórica. Esse fato foi a primeira surpresa que tive. Assim, a partir das categorias emergentes que brotaram da análise de parte dos relatos das pessoas do NEMA, descobri a pesquisa em mim. Isto é, as categorias Território – Laboratório Vivo; Significados do NEMA e Organicidade, já faziam parte do meu repertório por ser campo de estudo da Geografia, da Educação Ambiental e da Ecologia. O desafio agora é trazer Gramsci a dialogar por meio dos relatos com os autores que se revelaram durante a análise e comigo tecendo essa rede entre todos os envolvidos na pesquisa.

Dessa forma, optei em redigir um metatexto para cada categoria emergente, inclusive para a categoria Território – Laboratório Vivo, a qual também gerou a narrativa *Cronos de um delírio*, realizando assim a discussão teórica. Optei por esta estratégia por dois motivos: Primeiro, fiquei em dúvida como iria discutir a narrativa. Não queria poluí-la com a discussão teórica

e também não me pareceu claro que as falas dos sujeitos do NEMA estavam ali. O segundo motivo é que não queria ter um capítulo específico com minhas motivações teóricas e percebi que seria mais interessante diluir meus referenciais na discussão dos resultados.

A categorização pode encaminhar-se a partir de dois processos localizados em extremos opostos. Um deles, de natureza mais objetiva e dedutiva, conduz às categorias denominadas “a priori”. O outro, indutivo e mais subjetivo, produz as denominadas categorias emergentes. Em qualquer de suas formas, a categorização corresponde à construção de uma estrutura de categorias e subcategorias, conduzindo à produção de meta-textos (NAVARRO e DIAZ, 1994), constituídos de descrições e interpretações dos materiais analisados. Especialmente a abordagem indutiva implica em uma construção gradativa do objeto da pesquisa, constituindo a categorização elemento central nesse processo (MORAES E GALIAZZI 2007, p.45).

Comecei escrevendo o metatexto da categoria Significados do NEMA, no qual inicialmente tracei um percurso narrativo com base nas subcategorias. Reuni todas as falas da categoria num texto contínuo, e fui entrelaçando com a teoria. Dei identidade às falas das pessoas por meio de fontes diferentes, como forma de distinguir os sujeitos pesquisados.

Já nos metatextos, relacionados a categoria Organicidade e Território – Laboratório Vivo, apesar de também traçar um percurso a partir das subcategorias, fiz o inverso, comecei com a teoria e fui inserindo as falas.

As categorias emergentes – Território - Laboratório Vivo, Significados do NEMA e Organicidade, fazem parte da minha constituição como geógrafa e educadora ambiental e me deixaram mais confortável para estabelecer a mediação teórica com o pensador que puxa a tese: Antonio Gramsci e os intelectuais orgânicos.

De acordo com Wertsch (1998), o autor do texto se desafia a produzir novas ideias a partir de leituras de diferentes autores, inserindo-as em seu caldeirão, seja em forma direta de “citações dos autores”, seja, e talvez principalmente, em formas

reconstruídas em que se inter-relacionam suas próprias ideias com as dos autores, marcando ele as vozes dos outros com suas próprias intenções.

A categoria Território me permite explorar conceitos da Geografia e discuti-los na perspectiva da constituição das multiterritorialidades de Haesbaert. O Território como Laboratório Vivo, trata do lugar, um conceito fundamental da Geografia, numa perspectiva mais ampla em que Santos (1997) considera como a dimensão da existência que se manifesta por meio “de um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas, instituições—cooperação e conflito são a base de uma vida em comum”.

Era essa a proposta. Articular pessoas, num contexto acadêmico, político partidário e abrir espaço para buscar soluções para as questões ambientais locais. O Território – Laboratório Vivo compreende as subcategorias academia, determinação, animais – praia – lugar, barraco, parcerias institucionais e projetos tendo como mediadores os intelectuais orgânicos que o NEMA começava a constituir.

Os Significados do NEMA fazem deste novo Território a possibilidade de pensar e fazer uma educação emancipatória com Paulo Freire e Frederico Loureiro. Assim, a categoria Significados do NEMA aparece como um elemento fundamental no agir do NEMA. O NEMA é uma referência no fazer EA, uma vez que além da EA ser um componente comum em todos os Projetos ali realizados, foi o caminho seguido como meio de contextualizar toda a racionalidade acadêmica, com criatividade e inovação.

Nesta categoria aparecem os amigos, as pessoas, a arte e a ciência, o diálogo, a educação ambiental, o significado do NEMA como instituição, a filosofia - seus princípios e vertentes de trabalho e a transformação como subcategorias que constituem o significado da EA do NEMA.

E a Organicidade como resultado de todo esse movimento, as organizações vivas de Fritjof Capra para o pensar sistêmico e o recomençar a partir da minha experiência. A inteireza no processo.

A categoria Organicidade aparece na perspectiva de discutir sobre o devir em ser NEMA e seguir para outros caminhos

tendo como referência a organicidade da sua constituição, como intelectuais. Envolve as subcategorias rupturas, aprendizado, experiência, coletivo, referência, formação de gerações e caminhos profissionais.

A organicidade está na Educação Ambiental que perpassa todos os Projetos com uma metodologia interdisciplinar, está na recuperação do cordão de dunas costeiras, na criação de Unidades de Conservação e implementação dos Planos de Manejo de outras, no cultivo de arroz orgânico nas planícies do Taim, na conservação de mamíferos e tartarugas marinhas, no envolvimento comunitário, na representatividade em espaços de discussão e planejamento de gestão costeira da costa brasileira, nas publicações, monografias, dissertações e teses, tudo isso amalgamado com a contribuição de cada sujeito que fez parte disso, que emerge de acordo com os diferentes níveis de potencialidade na formação de todos.

A organicidade dos novos intelectuais está relacionada principalmente à sua profunda vinculação à cultura, à história e à política das classes subalternas que se organizam para construir uma nova civilização. Além de especialistas na sua profissão, que os vincula profundamente ao modo de produção do seu tempo, elaboram uma concepção ético-política que os habilita a exercer funções culturais, educativas e organizativas para assegurar a hegemonia social e o domínio estatal da classe que representam (Gramsci, 1999, p. 1.518). Por isso, estão ao mesmo tempo conectados ao mundo do trabalho, às organizações políticas e culturais mais avançadas que o seu grupo social desenvolve para dirigir a sociedade.

O novo território foi constituído, cheio de incertezas e desafios: naturais e culturais; e a educação que significa ambiental para os caminhos de formação, de compreensão da natureza e de formas alternativas e criativas de mudança e transformação. Pensar a inteireza nessa organização reside o pensar sistêmico para compreender a dinâmica do NEMA.

Acreditar nos seus sonhos, realizar um movimento por vezes radical de romper com padrões determinados de ter e ser para ser e fazer a diferença no mundo. Muitas pessoas já passaram pelo



Quadro II – Categorias emergentes e as referências
Elaborado pela autora

O movimento em Ondas na formação do intelectual orgânico no NEMA

As três gerações que o NEMA formou chegaram à procura das mesmas coisas, de mudar o mundo, de se transformar, de ter a experiência, de fazer ciência, com consciência. Os tempos podiam ser outros, mas a busca por algo que desse significado à suas trajetórias profissionais encontraram no território o laboratório vivo a EA mediadora dessa organicidade.

Essa Educação Ambiental mediadora constitui a metodologia *Ondas que te quero mar* (CRIVELLARO, RACHE, MARTINEZ NETO, 2001)⁶, isto é, passam de uma reflexão sobre si mesmo

6 A Onda 1 – Ser Natureza inicia com a pergunta quem eu sou? O corpo como nosso primeiro meio ambiente. Daí visão sistêmica, consciência corporal – mente, corpo, espírito, figura humana são os conceitos tratados, acompanhados de uma prática como desenho, auto-massagem, noções de célula, tecido, órgãos, organismo. Essa visão então é ampliada - Onda 2 - O lugar onde vivemos, a qual trata do pertencimento, aspectos naturais, culturais, históricos, econômicos e sociais. Uma saída de campo na qual contemplamos a complexidade do ambiente. Onde eu moro, o que tem de bom o que

– *Quem eu sou?*, estabelece uma relação de pertencimento com o lugar que atuam – *O lugar onde vivemos*, lidam com uma diversidade de pessoas, instituições e situações – *Biodiversidade*, estabelecem diálogos e se fazem representar em espaços de discussão – *Biosfera e Ecologia* e buscam a continuidade de suas ações por meio de novos projetos – *Planejamento Ambiental*.

Nas falas dos intelectuais orgânicos se percebe o impacto que o NEMA teve em suas vidas. Os pioneiros tiveram sensibilidade, determinação e coragem em criar um espaço que não existia na região, sendo este espaço uma alternativa para realizar um ideal, algo que não encontraram na academia.

Estavam determinados a gerar um conhecimento de sujeito a sujeito, uma compreensão intelectual ou objetiva e uma compreensão humana intersubjetiva, aprender em conjunto o texto e o contexto, o ser e o seu meio ambiente, o local e o global, o multidimensional, em suma, o complexo, isto é, as condições do comportamento humano - o “bem pensar” para o “bem agir” formou a egrégora⁷ desenhada para a valorização de qualquer saber.

Confirmo a tese que espaços experienciais como NEMA,

eu não gosto, as cores, as texturas, as representações humanas adaptadas às assanas, posturas da ioga. Abrimos então nosso universo perceptual, no qual vamos entrar no mundo da diversidade – Onda 3 – Biodiversidade, diversidade biológica e cultural, isto é, a biodiversidade e eu como único na variedade, de onde vim, que manifestações culturais estão presentes no meu espaço e no planeta, as artes, o patrimônio histórico. Tomando consciência de toda essa diversidade amplo com lentes poderosas para uma visão do universo – Onda 4 – Biosfera e Ecologia, o meu planeta, que não está sozinho no espaço e outras infinitas galáxias que estão de alguma forma realizando trocas de energia, de ciclos biogeoquímicos e que mantém toda a vida. Que relações ecológicas são essas? O que nos sustenta? A terra viva. Esse meio ambiente é infinito? Dando-me conta então de toda essa universalidade volto para onde vivo e ali reflito sobre as suas condições retomando a Onda 2 – o lugar onde vivemos, em diversas escalas – minha casa, meu bairro, minha escola, minha cidade e junto com o grupo com que convivo vamos pensar em ações soluções dos nossos conflitos – Onda 5 – Planejamento ambiental. Imagine esse movimento todo realizado por três áreas do conhecimento? E nossas cabeças? Pensamos, discutimos, planejamos, escrevemos, lemos, buscamos, nos constituímos como aprendentes um da área do outro, palpitando, convergindo, analogizando nossas teorias e práticas.

7 Egrégora provém do grego egrégoroi e designa a força gerada pelo somatório de energias físicas, emocionais e mentais de duas ou mais pessoas, quando se reúnem com qualquer finalidade.

que realizam projetos ambientais e sociais e que apostam na intuição, na autonomia e na criatividade são potenciais para a formação de intelectuais orgânicos.

A liberdade, a conexão com o ambiente, com a educação, com a arte, com a ciência, a relação entre a prática, a vivência e a pesquisa, a consciência política social e ambiental, a possibilidade de conjecturar, de sentir, de intuir, de trabalhar coletivamente produz intelectuais orgânicos. Esse é o argumento que perpassa todo o trabalho e que possibilita dizer que NEMA forma intelectuais orgânicos.

A sociedade civil para Gramsci não representa o conjunto das relações materiais, mas o conjunto das relações ideológico-culturais; não a vida comercial e industrial, mas a vida espiritual/intelectual. Dessa concepção, são essenciais as “ideologias orgânicas”, pois “... elas ‘organizam’ as massas humanas, formam o terreno no qual os homens se movimentam, adquirem consciência de sua posição, lutam, etc” (Gramsci, 1999, p. 237).

Todos eram jovens, com ansiedade para a vida, com a perspectiva de realizar uma mudança e tratar das questões ambientais, algo ainda incipiente na Universidade. O conhecimento científico sem conexão com a comunidade. A vida começou no mar e esse grupo de jovens aspirantes oceanólogos queria salvar o mar. Isso desperta nas pessoas uma vontade de aproximação, de curiosidade. A motivação para conhecer e entrar no NEMA vem das pessoas. A vibração do trabalho contagia e seduz. Saber o que fazem lá. Que é possível um espaço alternativo ser sério, que tem pessoas que pensam e agem.

Ser esse intelectual orgânico significa criatividade, transpiração na pesquisa de campo, administração para que todos tenham as mesmas possibilidades no compartilhamento da estrutura de trabalho, estudo, leituras que revelam além da aparência das coisas, horas de trabalho burocrático, relatórios, prestação de contas, tempo de recursos financeiros escassos. Ele vem se aprimorando, na medida da necessidade, num processo intuitivo, crescente e contínuo, como proposta pedagógica. Isso tudo muito orgânico, constituindo-se a cada um desses momentos.

Nisso está o conjunto das relações ideológico-culturais, fruto

de uma maneira de ser, de se vestir, de falar e de ter a espiritualidade integrada à intelectualidade. “Ideologias orgânicas” que fazem parte de um organismo vivo e em expansão. Organizam, planejam, constituem um território para o movimento do saber, para desenvolver a consciência do seu papel social para que suas lutas permitam a organização tanto da cultura quanto de outras dimensões da vida em sociedade.

Mas todos se constituíram intelectuais orgânicos? Tenho a convicção que sim, mesmo tendo perpassado por uma onda, isso os levou à compreensão de si mesmo e das contradições da sociedade que acontecem pela participação ativa nos embates hegemônicos. A recorrência da compreensão de si mesmo em qualquer ponto dessa caminhada faz com que a filosofia e a educação tornem-se uma prática política para que possa continuar seguindo seus princípios filosóficos e de formação e também de redefinir-se a si mesmo e de definir o próprio grupo social com respeito às relações que se mantêm com o lugar em que se vive.

Esse aspecto foi fundamental para que se iniciasse uma série de ações que buscavam melhoria de qualidade de vida, conexão entre o conhecimento científico e a comunidade, esta distante e totalmente desinformada sobre as questões ambientais. A conexão desse conhecimento por meio dos Projetos ganhou a bem-querência do NEMA pela comunidade e mudou a percepção sobre o lugar onde vivem. Valorizar as potencialidades e identificar os problemas.

Isso também gerou embates com gestores públicos no decorrer dos tempos. Estar presente e se fazer representar em conselhos, audiências públicas e adotar uma postura por vezes radical frente a determinadas ações faz com que seu trabalho seja visto como uma força de resistência perante o poder público. Também permitiu que fossem levadas para estes espaços as reivindicações da comunidade que em alguns momentos, ou quase todos, esteve excluída nas tomadas de decisão.

Dessa forma, o NEMA representa os interesses coletivos trazendo a público as ideias e uma análise crítica e propositiva para uma sociedade melhor com uma concepção ético-política que habilita seus integrantes a exercerem funções culturais,

educativas e organizativas. É a conquista da própria ideologia intelectual tradicional, ao mesmo tempo em que forma seus próprios intelectuais orgânicos.

Outro aspecto importante é o trabalho coletivo, entre amigos, bastante presente nas falas dos sujeitos. Compartilhar espaço físico e ideias com pessoas de diferentes áreas do conhecimento fortaleceu o fazer interdisciplinar. Aproximou a arte da ciência e possibilitou criar uma estética própria dando identidade ao grupo.

A compreensão do contexto de surgimento do NEMA e a relevância/sustentabilidade da filosofia de implantação, bem como o impacto das experiências no espaço do NEMA sobre a vida fora dele mostraram que quem incorpora o NEMA na sua essência tem a possibilidade escolher seus caminhos, de transgredir pré-conceitos e subverter a burocracia.

Transformar o conhecimento em sabedoria e a sabedoria em ação é um desafio diário que exige criatividade, persistência, continuidade e autonomia. Os princípios, os conceitos e as experiências realizadas definiram os caminhos do fazer do NEMA na formação e difusão de profissionais tendo a arte e a ciência como essência primordial para exalar seus ricos perfumes.

Espero ter trazido parte dessa história de ciência e de amor à natureza que é o NEMA: inspiração e motivação para que tenhamos espaços de luta e de liberdade com pessoas sensivelmente preparadas para os novos tempos.

Também que sirva para que o próprio NEMA sempre recorra a Onda 1 - Quem eu sou?, para cada vez que for se reinventar não perder a conexão com sua forma de conduzir os processos de formação no laboratório vivo e de valorização de seus profissionais, abrindo espaço para novas ideias sem perder o rigor e a autenticidade e a gratidão por viver nesse Planeta.

Nada supera a Terra. Lugar da consciência planetária e cósmica, a Terra como uma matriz de vida, esse jardim compartilhado que alimenta o universo simbólico com muitas *flores de energia* não é descrita simplesmente por regras científicas, mas por experiências e sentimentos que possam contagiar seus habitantes. As roupas coloridas, os cabelos e os sonhos explodiram em flores de energia que refloresceram em outras gerações e

definiram um espaço único de tato e contato, persistência e resistência. São muitas flores com muita energia!

Referências

CAPRA, F. *As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável*. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2002.

CRIVELLARO, C. V. L.; MARTINEZ NETO, R.; RACHE, R. P. *Ondas que te quero mar: educação ambiental para comunidades costeiras: Mentalidade Marítima - relato de uma experiência*. Porto Alegre: Gestal, 2001.

CUPELLI, R. L.; GALIAZZI, M. C. *Dos (auto)relatos às narrativas ficcionais: as (re)existências de uma comunidade interpretativa de professores educadores ambientais*. INTERACÇÕES NO. 11, PP. 153-173, 2009.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GALIAZZI, M. C.; MELLO, D. *A paisagem da pesquisa narrativa*. IV Seminário de Pesquisa Qualitativa. Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2005. Texto não publicado.

GRAMSCI, A. *Intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

_____. *Cadernos do cárcere*. v. 1. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

HAESBAERT, R. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

HART, P. *Narrativa, Conhecimento e Metodologias Emergentes na Pesquisa em Educação Ambiental: questões de qualidade*. In: Galiazzi, Maria do Carmo; Freitas, J. V. (Orgs). *Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental – Ijuí*: Ed. Unijuí, 2005, 216p.

LOUREIRO, C. F. B. *Trajatória e Fundamentos da Educação Ambiental*. São Paulo: Cortez, 2009.

MANACORDA, M. A. *História da Educação - Da Antigüidade aos nossos dias*. 6ª Edição. São Paulo: Cortez, 1997. Pág. 127.

MARQUES, M. O. *Escrever é preciso: o princípio da pesquisa*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.

- MINAYO, M.C. S. (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 19ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. *Análise Textual Discursiva*. Ijuí : Unijuí, 2007.
- SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo: razão e emoção*. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- SIMIONATTO, I. *Gramsci: sua teoria, incidência no Brasil, influência no serviço social*. São Paulo: Cortez, 1995, p.96-7
- SUERTEGARAY, D. M. A. *O espaço geográfico uno e múltiplo*. Revista Eletrônica de Geografía y Ciencias Sociales. Universidade de Barcelona. N° 93, 15 de julho de 2001.
- TRIVIÑOS, A. N. S. *Bases Teórico- Metodológicas da Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais*. Porto Alegre: Faculdades Integradas Ritter dos Reis, 2001.
- WERTSCH, J. V. *Mind as action*. New York: Oxford University Press, 1998.
- WILBER, K. (Org.) *O paradigma holográfico*. São Paulo: Cultrix, 1985.